

## "O Escriturario"

Amanhã, á noite, no grande auditorio da Cultura Artística, a Escola de Arte Dramática apresentará "O Escriturario", mimodrama de Luis de Lima baseado num conto de Hermann Melville. A arquitetura cenica será de Badia Vilató e a musica, composta especialmente para a ocasião, de Sousa Castro. Os interpretes, alunos do 3.º e do 4.º ano da Escola, serão os seguintes: Geraldo Mateus, Jorge Anárade, Emilio Fontana, Jorge Fischer Junior, Marly Mendonça, Flora Basaglia, Maria Madalena Dlogo, Paulo Alberto Aloise, Paulo Aires Muller, Eduardo Waddington e Paulo Celso Rangel.

A importancia do acontecimento pode ser expressa em poucas palavras: é a primeira vez, em nosso País, que se representa um mimodrama, isto é, que se conta uma historia, com inumeros personagens, sem palavras, apenas através dos gestos, dos movimentos de conjunto e das expressões faciais.

A mimica, como arte, no mundo ocidental, é quase tão velha como o proprio teatro, tendo uma linhagem illustre. Floresceu na Grecia, e, principalmente, em Roma, onde chegou a constituir a forma mais popular e ao mesmo tempo mais luxuosa de diversão, superando e aniquilando as outras formas teatrais. Mais tarde inspirou a "Commedia Dell'Arte". E, no seculo passado, por intermedio de Deburau, espalhou pelo mundo inteiro a figura romantica, comica e sentimental de Pierrot, uma especie de ancestral longinquo do Carlitos das primeiras fitas, como ele um proprio diabo inesquecivel de humanidade e involuntaria poesia.

A mimica moderna, no entanto, de onde provém a tecnica de "O Escriturario", não se filia diretamente á tradição do seculo passado. Nasceu com Etienne Decroux e procura instituir-se como arte criadora, autonoma, não se limitando a copiar servilmente a realidade mediante gestos, não sentindo como limitação a ausencia de palavras. Uma arte pura, enfim, quase não figurativa. Discipulos de Decroux são os dois maiores mimos da atualidade: Marcel Marceau, que se tem mantido sempre fiel á sua arte; e Jean-Louis Barrault que, como ator e encenador, aproveitouse da experiencia mimica para se tornar um dos maiores nomes do teatro contemporaneo. De Barrault são as palavras que seguem a respeito da natureza e das aspirações da mimica moderna:

"A imitação da natureza pelo gesto é uma arte tão velha como a humanidade. Mas as suas obras não abarrotam as nossas bibliotecas, nem os nossos museus. E' que ela se transmite difficilmente. Daí a sua falha. Daí o seu luxo.

Nós não temos nenhuma Idéia da pantomima dos antigos. Sabe-se que é de origem baquica. Diz-se que foi muitas vezes burlesca e mesmo obscena.

Mas não sabemos com exatidão nem mesmo que estilo de pantomima tinha Deburau. Não podemos imaginá-la senão pelas pantomimas que conseguimos ver na adolescencia, graças a Severin e, mais recentemente, a George Wague. Fora estes dois magnificos exemplos, estamos reduzidos, como acontece frequentemente, á intuição intelectual.

Foi para diferenciar a arte de Severin e de G. Wague da que fazemos hoje que batizamos de pantomima a antiga e de mimo a atual. Na realidade pantomima e mimo são uma só coisa: a arte do gesto. Todavia, existe uma diferença primordial entre a pantomima antiga (isto é, a pantomima da segunda metade do seculo XIX) e o mimo moderno. A pantomima é arte muda; o mimo é silencioso. A pantomima acrescenta á ação, como se tratasse de um mudo, uma linguagem de gestos. O mimo moderno, por desejo de pureza, não aceita esta linguagem muda. Quer

ser apenas ação, e se acrescenta alguma coisa á ação, será uma especie de canto lirico de gesto.

O que há de novo no mimo moderno é que ele pode chegar até o tragico. Torna-se arte nobre e é nisto que se compara ao mimo oriental. Mas, está claro, nada tem de oriental. Atinge simplesmente um nivel de nobreza equivalente ao mimo oriental. Para o Ocidente, reside aí a sua originalidade. Quando o mimo dá certo, é comparavel em beleza ás mais belas palavras, á maior musica, á mais admiravel pintura, á mais perfeita escultura. Até agora, a pantomima, arte muda, foi sempre considerada como uma arte popular, uma arte de segundo plano, não pura, uma arte menor. O mimo moderno, arte do silencio, quando acerta, alcança o nivel das artes mais preciosas."

Eis aí, em rapidos traços, a nova arte que os alunos da Escola de Arte Dramática, capitaneados por Luis de Lima, professor da Escola, antigo aluno de Decroux, antigo ator da companhia de Marcel Marceau, irá apresentar amanhã ao publico paulista.